

Resumos | Abstracts

Depiction at its Limits: How Segantini's *Alpine Triptych* Challenges Hyman's Conception of Depiction

Florian Demont

This paper is about depiction in visual art and introduces a paradox about it. The discussion is, however, not general, but focuses on John Hyman's conception of depiction and what we can learn about it from Segantini's *Alpine Triptych*. The main lessons to be drawn in this paper are not only relevant for aesthetics, but also concern more fundamental issues in epistemology and metaphysics, as they are about how we perceive and depict reality.

In a first part, John Hyman's conceptual framework is presented and some questions concerning the educational dimension of visual art are raised. The second part focuses on Hyman's conception of depiction and argues that this conception is inherently paradoxical. But while it might initially seem to be a bad thing, the paradoxical aspect of Hymanian depiction also helps explaining the educational dimension of visual art. The upshot is that the paradoxical aspect of Hymnainan depiction is something a good theory of visual art should account for.

Are Chamberlain and Gretzky entitled to their earnings? Accessing the debate on self-ownership and taxation

António Baião

In this paper, we intend to evaluate if full self-ownership is theoretically compatible with redistributive mechanisms, particularly taxation. Two contradictory positions will be measured: the first one determines the impossibility of conciliation between redistribution and self-ownership; the second one states that these ideas are not contradictory and can be reconciled through taxation. Thus, we propose (i) to argue if self-ownership rights and equality are compatible in a libertarian theory of justice; (ii) to evaluate the Wilt Chamberlain argument, understanding the causes of the libertarian limitation of freedom; (iii) to infer the (in)consistency between any variant of redistributive taxation and rights of self-ownership; (iv) to show the difficulties of inserting a robust libertarian right of self-ownership into a wide conception of freedom.

O Papel dos Valores nas Ciências Sociais e Humanas Rui Sampaio da Silva

Segundo uma importante tradição epistemológica, a ciência deveria obedecer a um ideal de neutralidade axiológica. O artigo critica este ideal à luz de quatro tipos de argumentos: argumentos *metodológicos*, baseados na natureza do raciocínio científico; argumentos *linguísticos*, os quais procuram mostrar que a linguagem científica é contaminada por valores; argumentos *sociológicos*, que destacam o papel de juízos de valor na construção de categorias sociais e na identificação de problemas sociais; e argumentos *psicológicos*, baseados em mecanismos psicológicos que são vulneráveis à influência dos valores. Todavia, existem meios de controlo da ação dos valores na ciência, como o imperativo de transparência, ao abrigo do qual o cientista deve explicitar os seus juízos de valor, a discussão crítica promovida pelas comunidades científicas, a qual permite rastrear a ação invisível dos valores, e o recurso ao critério da coerência, como forma de distinguir teorias aceitáveis de teorias potencialmente distorcidas por valores.

Deleuze: do *spatium* intensivo ao espaço qualquer Nuno Carvalho

O objetivo deste artigo é recortar diacronicamente os principais aspectos da teoria do espaço que atravessa a filosofia de Gilles Deleuze. Começaremos por analisar o modo como, no seu *magnum opus Diferença e Repetição*, Deleuze estabelece uma distinção ontológica e transcendental entre um espaço extensivo (*partes extra partes*) e um espaço intensivo como lugar da profundidade do ser. Este espaço intensivo (ou *spatium*) será objecto, em publicações ulteriores, de uma teorização cada vez mais concreta, pelo que dirigiremos de seguida a nossa atenção para as declinações estéticas e matemáticas da noção de espaço em *Mil Planaltos*. A conclusão do artigo incide no «espaço-qualquer» da *Imagem-Movimento* e da *Imagem-Tempo*, numa tentativa de perceber de que forma Deleuze entreviu no cinema a possibilidade de cumprir a promessa de *Diferença e Repetição*: a experimentação de um espaço definido exclusivamente pela intensidade.

Implicações Éticas da Narrativa **- uma leitura de Aristóteles e Paul Ricœur** **Vanessa Martins**

Num plano da reflexão ética sobre a semântica da acção sem agente, na obra *Soi-même comme un autre* de Paul Ricœur, importa procurar desde logo indícios desta semântica na obra de Aristóteles, especificamente na *Ética a Nicómaco*, pois é nesta obra que se lançam as sementes de uma teoria da acção, tentando perceber, então, de que forma Ricœur relê Aristóteles para enunciar esta semântica do qui da acção. O nosso percurso vai desde a potência de agir, a imputação e o homem prudente aristotélico até uma identidade narrativa, uma identidade como processo numa dimensão temporal. Trata-se de perceber, a partir de uma dialéctica interna da personagem, as mediações que a teoria narrativa pode operar entre teoria da acção e teoria moral. Ao longo deste percurso deter-nos-emos, também, no horizonte teleológico da acção, percebendo a sua dimensão intencional, assim como os padrões de excelência e os planos de vida.